

**ELEMENTOS PARA UMA FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL DO NÚCLEO  
EGOCÊNTRICO DA COISA****ELEMENTS FOR A TRANSCENDENTAL PHENOMENOLOGY OF THE EGOCENTRIC  
CORE OF THE THING** <https://doi.org/10.63330/armv2n8-003>

Submetido em: 14/08/2026 e Publicado em: 19/08/2026

ARM: e262133

**Caio César Costa Santos**

Doutor em Psicanálise

Instituto Gaio de Ensino Superior

E-mail: cesarinmind@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1821436310106545>**Resumo**

Este ensaio teórico é autoral e original. Serão investigados aqui, os elementos para uma possível fenomenologia transcendental do núcleo egocêntrico da coisa, neste caso, “inanimada”. Este é o nosso objetivo. Nossa hipótese, para tanto, é que a “coisa” seja uma espécie de “conceito puro transcendente”. Já o nosso problema ou questão central é - “o que acontece dentro do núcleo profundo e puramente abstrato egocêntrico da “coisa”? Nossos resultados iniciais nos levam a cogitar que a “coisa inanimada” necessita, mais uma vez e inevitavelmente, de seu núcleo para passar a constituir os seus elementos mais centrais.

**Palavras-chave:** Coisa; Elementos; Fenomenologia transcendental; Inanimado; Núcleo egocêntrico.

**Abstract**

This theoretical essay is original and self-published. It will investigate the elements for a possible transcendental phenomenology of the egocentric core of the thing, in this case, the "inanimate." This is our objective. Our hypothesis is that the "thing" is a kind of "pure transcendent concept." Our central problem or question is – "what happens within the deep and purely abstract egocentric core of the 'thing'?" Our initial results lead us to consider that the "inanimate thing" needs, once again and inevitably, its core to constitute its most central elements.

**Keywords:** Egocentric core; Elements; Inanimate; Thing; Transcendental phenomenology.



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 O NÚCLEO EGOCÊNTRICO DA COISA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma metafísica do objeto ou mesmo uma lógica pura ideal da coisa inanimada. É a isto que este nosso ensaio se propõe. A dinâmica do objeto, ou melhor, da noção ou do conceito de sua objetividade quando o “conceito objectual” se exprime na contrapartida do espaço concreto e conatural das coisas é um privilégio que pode ser visto ou mesmo percebido e sentido por um *ego transcendental* (Husserl, 2012). Aqui, portanto, nós apresentamos uma espécie de idealismo transcendental sobre a particularidade universal do objeto. Não qualquer tipo ou fenômeno de objeto, mas, aquele ou o objeto por natureza, inanimado. Por “inanimado” entendemos - “uma coisa que, aparentemente ou à primeira vista, não é ou não estar vivo”. Portanto, se trata, pois, de um estudo teórico e/ou ensaio original.

Então, tomemos, por início, a particularidade da objetividade do objeto em sua singularidade estática, imóvel, amorfa, sem nenhuma substancialidade, apenas aparente, sem lucidez consciencial, em uma palavra, sem vida. Este é o caractere principal do objeto que é, portanto, inanimado; a sua falta de “substância formal”, ou seja, o declínio no vazio absoluto, na nada absoluta ou, materialmente falando, num espaço de matéria puramente e totalmente “amorfa”, em todas as suas qualidades e em todos os seus atributos.

Ora, o objeto inanimado, na sua forma primária ou inicial, é amorfo, sem uma lucidez e, portanto, sem vida; apesar de que ainda contenha nele o “absoluto da existência” porque simplesmente, o objeto inanimado, tal como nos apresenta e aparenta inicialmente, é uma pura imanência na imanência do insondável infinito do espaço concreto. Ou melhor, podemos reformular a nossa questão - dizendo de outra forma - o objeto inanimado é puramente uma “pura abstração” (Hegel, 2016). Sim. vejamos bem, poderemos agora fazer uma simples pergunta - “de onde surgem os objetos inanimados?”, ou seja, de onde eles vêm? Há um ponto originário que nos traga a sua exata origem? Não estamos nos referindo ao marceneiro ou ao escultor que cria, de sua idealidade de abstração reflexionante, um tronco de árvore em uma forma viva de um dorso de um humano vivo. Não é esta a origem de que estamos tratando. É outra.

Esta outra é sobre o núcleo egocêntrico da coisa singular do objeto inanimado (Sartre, 2015). Porque, de fato, há algo dentro dele, mesmo em estado absolutamente material é amorfo que o desperta para a vida, referimos à vida existencial dele; ao encanto de sua pura materialidade, puro material mesmo. Há um centro egocêntrico na partícula egocêntrica da coisa que a estimula como força ou como um impulso a se projetar para o alento da existência. Digamos, por ventura, inicialmente, que esta coisa ou este algo de dentro do objeto inanimado seja uma “força”; uma força ainda desconhecida para nós inicialmente, mas que, em contrapartida, se encontra, esta “coisa”, latente, mas em ação dentro de seu núcleo egocêntrico. O que este “algo” (Hegel, 2016) , interno e profundo, só poderá conhecer ou somente deve conhecer o universo. Portanto, o que poderá conter dentro de um pedacinho de areia? Dentro mesmo daquele pontinho



de areia quando vamos à praia? É disto que estamos tratando aqui. Como “ver” ou mesmo “percepcionar” o núcleo egocêntrico daquele pontinho de areia? Ele é inanimado? Talvez sim, talvez não. Porém, o problema em ênfase não seria este agora, mas, a estranha “força” contida dentro da partícula egocêntrica da coisa que, mesmo apresentando uma massa absolutamente “amorfa”, ou seja, mesmo ocorrendo na pura e absoluta imanência do espaço das coisas (Bergson, 2010), ainda assim, suspira dentro da coisa um “alento”, mas é um alento “amorfo”, ainda.

Neste sentido, o “amorfo”, pelo que entendemos, não é “vivente”, muito menos “anímico”. Muito longe disto, o amorfo é apenas “vacuidade concretificada”. Ou seja, o corpo próprio da coisa é a mesmidade do seu próprio corpo próprio. Assim, é o corpo, tanto de dentro como de fora, da coisa que torna, na sua vacuidade concretificada, uma massa amorfa, mas com sentido existencial, mesmo apresentando um “corpo amorfo”.

Entendemos também que o sentido de “amorfo” não quer dizer “morto”. Muito pelo contrário, “amorfo” é um estado uniforme sem alteração ou sem uma mudança aparente. O que vive na coisa é a própria coisa por ser “coisa”. Pois, o cousal ou coisal “coisifica” e o todo “coisificado” é um fenômeno tornado uma “coisa”.

A coisa é absolutamente “universal”, mas o “objeto inanimado” é um “particulizável”. Ou seja, este objeto é um objeto coisificado por ser apenas uma “coisa” propriamente no seu estado absoluto de ser uma “coisa”; totalmente amorfa e absolutamente perecível (Heidegger, 2018). Porém, não trataremos aqui da aventura do tempo ao pousar nas “coisas”, levando consigo a sua perecibilidade. Não. O tempo é um modo à parte.

Repitamos: o propósito aqui é - “o que há dentro da coisa que mesmo sendo “amorfa” continua a existir?”. Por que o “concreto” da coisa, mesmo “amorfo”, continua acontecendo no “espaço das coisas”? Afirmamos, então que, além de tudo, o objeto inanimado, independentemente de qualquer coisa, é uma “coisa” e, sendo “uma coisa”, é algo como um “artigo indefinido” que, apesar de sua indefinição característica, passa a ser “coisa” porque “coisa” significa “coisa que está na existência e participa da existência” (Heidegger, 2015).

Descobrimos que o que coexiste no “núcleo egocêntrico da coisa” são apenas duas coisas ou dois fenômenos - “éter” e “luz” - e uma terceira que é a sua exterioridade o “tempo”. O éter permite que mesmo como uma coisa “amorfa”, a coisa exista e a “luz” permite que, pelos seus halos luminosos, ela seja vista e percebida no espaço tridimensional das coisas e dos fenômenos. A coisa é “coisa”, então, porque ele é, sobretudo, um fenômeno justamente porque contém imaterialmente “luz” e “éter”. A sua digna sobrevivência no espaço concreto é digno também disto - da presença viva em existência e em vida do éter e da luz (Huygens, 1986).



Mesmo em seu estado amorfo, o objeto inanimado vive como pura abstração. E ele possui dignamente “forma” e “conteúdo”, mesmo ainda sem substancialidade, o objeto inanimado, então, “sobrevive”, mesmo sem viver dignamente na vivacidade como a vivacidade de um super-homem ou mesmo de um comum ser “terrestre”. Mas, por outro lado, a Terra é também o seu “Ser” e a sua “Energia” porque, de fato, o mundo das coisas inanimadas recebe, da Terra, o éter e a luz (Blavatsky, 2007). Assim, torna-a algo do amorfo, apesar de que ainda “existe” e “coexiste” entre as demais coisas.

A coisa “aparece” e “desaparece” e o seu núcleo egocêntrico continua o mesmo, na sua mesma ipseidade. Porque o que ele sabe, o núcleo, fazer, é continuar ele mesmo sendo ele mesmo, intacto, firme e sem nenhum movimento aparente. A única coisa que mexe por dentro do núcleo é “uma força”. Uma “força cósmica”? Talvez. Mas, inicialmente, é uma dada “força”, por ventura, “puramente abstrata”.

A coisa, ou seja, o objeto inanimado, recebe da luz a aparência abstrata do éter quando este, no momento de dialética com a luz, quebra a absoluta vacuidade do “espaço sem fim das coisas”. Quebrando esta “barreira” ou este “obstáculo”, continua, a coisa, a existir. Sobrevivendo agora dos raios luminosos do reflexo de suas partículas etéricas. Sendo assim, o “substrato” da coisa é, na verdade e em sua realidade, a pura aparência da “imediatez” da pura imanência de seu próprio “núcleo egocêntrico” junto à objetividade heteróclita do espaço das coisas. O que estar ou se encontra “ali” é algo estranho, não visto jamais a olho nu que, apesar de sua “invisibilidade”, é tornado “visível” pelo núcleo egocêntrico da coisa, no momento mesmo em que o “espaço das coisas puramente inanimadas” sintoniza o relacionamento entre “coisa” e “núcleo” de um lado e “éter” e “luz” de outro.

A pura mesmidade é a pureza da imediatez desta relação - ou seja - o contrato firmado entre a “coisa” e a “realidade”, quando “realidade” e “coisa” são, no mais e em essência, “a mesma coisa”. Somente o “espaço” brilha de fora dentro de sua própria imanência, enquanto que o núcleo egocêntrico da coisa continua firma e estático, muito embora totalmente precível. O objeto inanimado só consegue existir pela imanência vital do seu núcleo egocêntrico; quando a única “verdade” de seu particular conhecimento é saber que a “coisa” só conhece “ela mesma dentro dela mesma” ou, em outras palavras, somente conhece a solidão de sua pura imanência terrestre e material.

Por enquanto, aqui, dentro do corpúsculo de seu particular fenômeno, a coisa ainda é um objeto inanimado que sobrevive existencialmente meramente na cobertura ou no entorno de sua pura vacuidade. Por outro lado, tudo externo à coisa é somente vazio absoluto, no entanto, dentro da coisa, apesar de feita de massa puramente amorfa, ela contém, em seu interior, ou seja, em seu núcleo, o “éter” e a “luz”, como uma vez dizemos.

Ou seja, a coisa é ainda puramente um “corpúsculo” como o pontinho de areia que, dentro dele, não existe mais nada, a não ser “luz” e “éter”. Muito embora que, podemos dizer de modo adiantado que o calor ou o fogo do espaço torna a coisa, ou melhor, “transforma” a coisa numa nova figura, a saber, numa



“pequena chispa”. Porém, a questão não é esta agora. O objeto inanimado, por ser “uma coisa”, mesmo apesar da absoluta ausência de substancialidade, ela, a coisa em si, ainda possui um “corpo”, pois entendemos por “corpo” um “mero corpúsculo”, ou seja, “algo que infinitamente menor a um corpo que se denomina de “material”. Portanto, sendo assim, por ser a coisa um “puro fenômeno” ou uma “pura abstração”, sendo, ainda que, desenhada pela vacuidade, a coisa possui um conteúdo porque mesmo que ela externamente só tenha aparentemente o espaço à sua volta, o “dentro” da coisa que é o seu núcleo egocêntrico está em atividade constante por causa da “luz” e do “éter”. A coisa, então, é apenas um mero “corpúsculo” que até brilha simplesmente e exclusivamente por conta da presença justamente da “luz” e do “éter” que, por essência e em sua constituição, fazem parte da “natureza das coisas”.

Por assim, o núcleo egocêntrico da coisa reflete incessantemente a natureza das coisas através da “luz” e do “éter” (Huygens, 1986). Repitamos: não há aqui ainda uma “forma” da coisa, mas somente um “puro fenômeno”. A coisa ainda não “é” porque a coisa ainda “estar”; estar ainda por muito tempo na existência abstrata, em seu processo de autoconfiguração de coisa, ou seja, de objeto inanimado. Quando, aqui, falamos de “brilho” é por conta apenas, repitamos, da “luz” e do “éter” que, ainda mais, segundo a física, “luz” e “éter” são uma coisa só porque podemos falar cientificamente hoje, ou melhor, verdadeiramente hoje, com profunda precisão, que há a “luz do éter” porque estes dois fenômenos, como conhecemos, “se fundem” e são uma coisa só; simplesmente porque são, no dizer de uma “fenomenologia da extraordinariedade”, algo do “transcendental” e porque justamente é “transcendental” é “puro fenômeno”.

Logo, o “transcendental” aqui não é “algo que supera, ultrapassa e transcende, muito pelo contrário, é algo, ou seja, alguma coisa, uma coisa, que é e está em si, uma pura abstração. Porque ainda não há forma e poderíamos dizer que também nenhum conteúdo, mas, apenas, “luz” e “éter” e o relacionamento com o espaço concreto das coisas o qual “doa” a luz do calor. Portanto, sendo assim, não há uma “sensação” por parte da coisa, muito menos forma ou então conteúdo porque, refletimos, o interrelacionamento entre “coisa” e “espaço” se dá apenas numa ligação imanente de pura imanência entre o núcleo egocêntrico da coisa (ou seja - “luz” e “éter”) e o espaço porque o natural é, então, a natureza do espaço das coisas ser também na mesma medida e no mesmo tempo a própria mesmidade da coisa (Hegel, 2016; 2017). Porque, dizemos novamente, “espaço” e “coisa” é uma coisa só (Heidegger, 2018).

O que faz a coisa “sair” de seu estado de pura inércia ou pura vacuidade é justamente a presença iluminante da luz do éter dentro do seu núcleo egocêntrico. Sendo desta forma, o espaço é um “puro imediato” e a coisa também é um “puro imediato” (Hegel, 2016); então, nesta medida; eles dois sobrevivem por eles próprios quando um e outro, outro e um são a “pura imanência”, por isso, a coisa, ainda neste estado de “vazio absoluto” passa a ser por um tempo a “mesmidade do espaço absoluto”, pois os dois



“absolutos” aqui se encontram e se juntam harmonicamente, sem mudança, mas apenas uma “pura uniformidade”, sendo os dois uma coisa só.

Somente consegue penetrar o absoluto do espaço o núcleo egocêntrico da coisa feito de “luz” e “éter” e não jamais a coisa em si. Porque, expliquemos, a coisa é somente “uma coisa” e sem a “luz” e o “éter”; ela não poderia ter um sentido de existência absoluta. Como, então, na ausência destes dois fenômenos (“luz” e “éter”), a coisa poderia “ser”, ela mesma, também, o “espaço absoluto”? Ou, dito com outras palavras, como a coisa conseguiria penetrar o “impossível” do espaço absoluto quando aqui não há nada de nada, apenas um “puro nada”?.

Talvez, agora, poderíamos dar mais alguns passos e ver o que está acontecendo, neste instante, com o “núcleo egocêntrico da coisa”, quando a vacuidade absoluta do “espaço entre”, ou seja, “coisa” e “espaço” passa a ser “preenchida” da graça da imediatez da “luz”. Agora, aqui, nada é transparente, o objeto, por ser “inanimado”, não tem nenhuma nitidez; ele não brilha porque a única faísca de uma parca e ínfima luminosidade só advém de um ponto incomum do seu núcleo egocêntrico.

A coisa, então, paira, o objeto inanimado por natureza, não pode “conter” nada a não ser a existência de seu próprio núcleo egocêntrico puramente abstrato. Tal “núcleo” é um ponto muito do pequeno de atividade meramente e essencialmente “inorgânica”. Aqui, anda, não há absolutamente nada de “organismo vivo”, pois não há ainda também uma “organicidade” ao menos aparente, pois a coisa é somente e exclusivamente “o seu núcleo” e o “núcleo” é a única coisa que contém a coisa, com exceção, por vias de dúvidas, do espaço que, na sua absoluta aparência, “torna” a coisa, através de seu núcleo, algo dado no nível da atmosfera física.

Neste momento atual, não há “contato” porque falta a esfera da “concretude”, do concreto, ou seja, daquilo que passa a tomar a coisa em um dado momento como algo “materializado”. Em contrapartida, o objeto inanimado, sendo “coisa”, possui ainda que um “corpo”, um corpo mesmo, mas, como havíamos dito, ausente de substancialidade física, porque “a coisa propriamente dita” não “se abriu” para a abertura para o mundo do fenômeno das coisas animadas. Meramente falando, a “coisa está só” e é justamente dentro desta “solidão terrificante” que a “coisa”, ou seja, o objeto inanimado não pode “ver” ou “perceber”, através de seu núcleo, outra coisa a não ser ela mesma.

Então, podemos dizer também que a “coisa”, nesta solidão aparente, é também uma “pura ipseidade” porque, de toda medida, ela, a coisa, espelha ela mesma na existência absoluta e de pura imediatez do seu núcleo. Assim, o mundo ainda não apareceu para ela, pois, de todo modo, a coisa ainda passa, ou seja, continua a ser o seu próprio centro uniforme - o seu núcleo egocêntrico propriamente. Como dizemos, ainda aqui, mesmo que perseverando na dada existência, a coisa é puramente e absolutamente a sua própria apreensão abstrativa. Portanto, não há nada de “fantástico” até aqui porque a coisa é ainda puramente “o seu



reflexo”, ou melhor, o seu próprio e único núcleo. Ou seja, com outras palavras, diante de sua constituição objectual, a coisa é meramente ainda, por este dado momento, “luz” e “éter”.

Por que “luz” e “éter”? Porque, diante dos infinitos elementos orgânicos e, por isso, vitais da natureza, até aonde vai a nossa abstração reflexionante, somente coexistem, em todo o elemento terrestre, nesta dada Terra, apenas dois elementos que perpassa qualquer tipo de matéria, inclusive, àquelas “desprovidas de vitalidade”, a saber, os objetos ou as coisas inanimadas.

Mesmo assim, por outro lado, o advento da natureza e sublime é possibilitar a “estas coisas sem vida e sem lucidez”, em uma palavra, “opacas”, a vivacidade do “contorno” de sua “forma”, bem como de seu “conteúdo”. Ou seja, mesmo que ainda aqui isto não tenha acontecido, isto é, mesmo na pura aparência de uma pura abstração de seu núcleo, a coisa terá a possibilidade de “se revelar” às demais coisas e diante dos demais fenômenos, quando o momento do núcleo ser “preenchido” da natural natureza naturante das coisas próprias da “inanimidade”. Pois, agora não, mas posteriormente (como iremos ver), uma coisa inanimada poderá, por sua vez e dentro de sua realidade de natureza vital, “deixar” de ser “algo de uma “determinação puramente abstrata” e, portanto, “inanimada” e “transformar-se” em “algo” com uma “determinação em parte orgânica”. Porque, o tecido que “envolve” com o seu envólucro as coisas “inanimadas” é ele tecido com o mesmo “fio transcendental das coisas orgânicas, viventes e, por isto, vitais”.

Portanto, a ordem do “vital” ainda não chegou até aqui, é preciso, contudo, que, dentro do seu núcleo, a coisa “se desperte” de modo mesmo “amorfo” e “sem uma aparente vida”, pois, o “substrato” de uma coisa inanimada se faz puramente do desígnio vitalizante da “luz” e do “éter”.

Dentro do núcleo egocêntrico da coisa, não costuma ser nenhuma “aparente evolução”, pois embora a ligação com uma dada natureza das coisas seja a todo instante uma “pura sintonia”, não podemos ainda falar de um “desenvolvimento” de seu “elemento vitalizante” que é o seu núcleo. Pois, “núcleo egocêntrico da coisa” nada mais, seria em uma palavra, do que “o coração da coisa”, ou seja, a sua parte fundamental que, sem ela, faltaria à coisa existir tão somente.

Assim, o núcleo para a coisa é “existência”; embora; não uma “existência” ainda “ordinária” tecida com as próprias “experiências” objectuais da própria coisa, porque também falta à coisa inanimada uma dada “experiência de ter experiência” porque, mesmo que ela, a coisa, agora, ainda sobreviva do estímulo ou do impulso de seu núcleo, mesmo “existindo” unicamente pelo seu “núcleo”, mesmo assim, esta coisa não pode “experienciar” ainda o espaço, portanto, a coisa continua a ser, portanto mais um vez, “amorfa” e assim “opaca”, mesmo na presença de uma ínfima luminosidade corpuscular da “luz do éter” (Huygens, 1986).

A coisa em si, no exato ponto primordial de sua “origem”, imaginativamente e, portanto, possivelmente, tenha advindo do veículo etérico-físico e também iluminador de uma dada atmosfera



terrestre. Porque a “luz”, ou seja, o seu “tipo de luz” não é distinto ou mesmo estranho ao próprio mundo das coisas “inanimadas”. Ao contrário, a “luz” bem como o “éter” são propriamente signos ou espécimes de “sinais” do organismo próprio da Terra, ou seja, do grande organismo terrestre.

Só que, no entanto, podemos dizer também que todo o elemento uma vez “orgânico”, isto é, que tenha se “transformado” numa “coisa orgânica” normalmente tenha passado ou tenha sido uma vez mais uma “determinação abstrata puramente amorfa e sem vida”, pois, não é do “tudo” que advém as coisas, mas é do “nada” ou da “pura vacuidade” que advém a “vida” ou o “elemento vital” de toda parte, porção ou fenômeno inanimado. Nada é “construído” do tudo porque o tudo já contém em si o “tudo”, mas, pelo contrário, o “tudo” só pode ser “construído” uma vez mais do “nada” (Hegel, 2016).

Portanto, é o “nada” o “centro criador do tudo”. Ou seja, a existência é nada para ser em algum momento tudo. A ordem da natureza das coisas é que do nada sobrevenha o tudo, isto é, do “amorfo e sem vida” nasça ali “o tudo e cheio de vida”. E é isto o que acontece genericamente com os objetos inanimados. A sua constituição começa em um núcleo ainda totalmente “amorfo” e “sem vida” para depois ser incluído aos poucos os elementos que compõem a natureza vital das coisas.

Não há, portanto uma parte “material” ainda na coisa; o que há é apenas e meramente um “ínfimo corpúsculo” de “luz” e “éter” para não dizer “algo quase que absolutamente imaterial” e, portanto, em outras palavras, “inorgânico”. A sua parte “imaterial”, da coisa, não quer dizer que a falte “matéria”, muito pelo contrário, quer nos dizer que a coisa não passa de uma “pura imediatez”, um “puro fenômeno”, pois nem “ordinário” ele, o fenômeno, chegou a ser.

Resumindo: até aqui, na coisa ainda não há nem forma, nem conteúdo, nem sequer um resquício de materialidade. Somente “luz” e “éter”, tão somente. Não há, então, um tecido de algum tipo “formado” porque não há ainda “forma” muito menos “conteúdo”, nem, portanto, o núcleo egocêntrico da coisa jamais poderia ser considerado ou estar “contido” dentro de uma “dada forma” ou ser originalmente um “dado conteúdo” porque a pura vacuidade do espaço absoluto não se foi ainda “quebrada” a total inércia originária de sua constituição.

Assim, nem o “núcleo” é forma, nem o “núcleo” é conteúdo. A única realidade ou a única condição de existente são a “luz” e o “éter” em seus profundos estados totalmente “abstrativos”. Logo, esta “total inércia” não pode ser “quebrada” ainda porque o espaço absoluto é ainda mais a pura vacuidade também da coisa. Porque, como dizemos, “o absoluto do espaço é o absoluto da coisa em si” (Kant, 2015). O envolvimento da coisa no espaço é uma mútua e apesar da pura imediatez. Agora, podemos chegar ao segundo ponto - isto é - da pura imediatidade da coisa à pura imediatidade do espaço.

Logicamente falando, estas duas imediatidades são, em seu começo, “puros reflexos indivisivos”. Aquilo que é “lógico” em sua inteireza perpassa quaisquer aparentes abstrações. Assim, o começo do núcleo egocêntrico da coisa é essencialmente uma “pura abstração”, como dizemos, um “puro fenômeno”. Deste



modo, é certo também que, em seu começo, a coisa adquira depois de um dado momento uma força impulsiva normalmente “lógica” e “abstrata” que, na imediatidade de origem, o espaço possa, neste dado momento, “se entreabrir” para que a “pura abstração” possa ser “quebrada” a sua pura vacuidade originária e, dentro do espaço ainda absoluto, a coisa possa, ainda em seu começo, continuar a “refletir” a lógica pura de seu núcleo quando, como vimos, a “luz” e o “éter” são as únicas coisas aparentemente feitas de “organismos” vivos.

A partir do momento em que a coisa, em seu começo, vai “desenvolvendo” toda a sua parte ou porção “inorgânica”, o conceito de sua abstratividade vai aos poucos se diluindo dando abertura cada vez mais para o espaço. O espaço, então, passa a receber dos reflexos da coisa pelo núcleo o começo de uma aparente aparência mais concretificada da própria coisa. A partir daí, há o começo do entreaberto do espaço. Portanto o espaço passa a se “articular” um pouco mais com a mesma coisa quando o “mesmo do mesmo” seria o absoluto da coisa mais o absoluto do espaço.

Assim, quando, em seu começo, o núcleo da coisa continua sem cessar a refletir a mesmidade do espaço absoluto que se entreabre, o espaço vai “doando”, de si, da sua pura também imanência, um corpúsculo a mais de exterioridade. É como se o “olho do espaço”, diante do começo da ausência de seu absoluto, fosse, uma parte sua, “arrancada” pelo núcleo egocêntrico da coisa, pois, agora, passado um determinado tempo, estado já um pouco desenvolvido a “luz” e o “éter”, o espaço absoluto, como uma ínfima e inicial névoa passa a “dissolver” a “absolutidade de seu absoluto” e, então, desde agora, o núcleo egocêntrico da coisa passa a, suavemente, “aderir” ao começo do espaço; não mais totalmente “absoluto”, mas, desde agora em diante, como um ínfimo desenvolvimento, como um “espaço entreaberto”.

Contudo, não há nada ainda do “ordinário”, pois, “a coisa em si” (Kant, 2015), desde agora em diante, é o começo suave e ínfimo de um parco desenvolvimento apenas e meramente de seu núcleo egocêntrico. Não falamos aqui ainda de um “imediato puramente transcendental e real”, nem ainda mesmo de uma “pura imediatez” como no início deste processo, mas, como falamos mais acima, estamos já, desde agora, numa “imediatidade já aparente, mas ainda muito do muito “opaca”.

No mesmo sentido, o espaço também é uma imediatidade ainda também relativamente “aparente” não só justamente porque “coisa” e “espaço” aqui são termos “imanentes”, mas também porque o espaço, mesmo mais absoluto que a coisa (se pudermos dizer que o “absoluto” tem grandeza também “quantitativa”). Sendo assim, no mais, o núcleo egocêntrico da coisa tem a sua imediatidade característica com base e em relação qualitativa com a natureza do espaço das coisas porque não é somente o espaço que se coaduna à coisa, mas a coisa também, por sintonia, se adequa de modo quase perfeito uniformemente com a natureza do espaço.

O eixo é o mesmo bem como a ligação também entre ambos é a mesma. Porque a natureza do espaço passa a se “nivelar” de modo adequado à formação inicial do núcleo egocêntrico da coisa. Ou seja, a



“corpusculidade” do modo natural que a coisa é em seu início desde agora em diante passa a “tomar” a noção de um “corpo” um pouco suavemente menos abstrato e mais concreto porque o calor originário da natureza do espaço, isto é, o seu fogo “ardente” entra em sintonia com a partícula egocêntrica da coisa porque este “núcleo” “absorve” do espaço um ínfimo de “especialidade”.

Então, neste sentido, o espaço continua sendo o “mesmo espaço”, só que agora “entreaberto”, mas relação deste “núcleo” com ele não se dá de espaço da coisa para o espaço absoluto, mas, indo no sentido de uma “lógica pura da coisa inanimada”, o núcleo desta adere não ao espaço total, mas, como dizemos, a um “ínfimo de espacialidade” porque o termo “espacialidade” apesar de ser um “individual-particular” é, logicamente falando, mais abstrato do que o termo propriamente falado - “o espaço”.

Com este sentido, quando falamos de “espaço”, pensamos automaticamente numa “absoluta e insondável imanência” e, por outro lado, quando falamos sobre “espacialidade”, estamos referindo a uma “particularidade” ou o mero “particular” do espaço. Tomado o espaço à partícula egocêntrica da coisa inanimada, o seu núcleo, ora, começa a “expandir” num tipo de “atitude ainda que suavemente expansiva” porque a abertura que o espaço se dá à coisa não foi ainda completa, digamos. Então, por este caminho, o nível elevado da abstração natural da coisa inanimada começa a suavemente diminuir e o espaço, a cada vez mais, vai abrindo-se por ele mesmo na relação imanente com o núcleo egocêntrico da coisa.

Neste momento, a ardência do calor do espaço “atomiza” o centro da coisa, fazendo nascer o primeiro gérmen do começo dos primeiros “átomos”. Então, desde agora em diante também a coisa começa a se “sutilizar”. Ou seja, a iniciar, formalmente e originalmente falando, o seu desenvolvimento e a sua evolução enquanto “uma coisa animada”. Assim, desta forma, o “nexo” entre “coisa” e “espaço” passa a ser mais “estreito” e muito mais cintilante porque aqui começa também o desenvolvimento e a evolução do gérmen da “luz”, bem como do gérmen do “éter”, não esquecendo também do começo da aparição dos primeiros germes dos átomos dentro de sua “desigualdade abstrata aparente” muito bem conhecida pela física moderna. Então, deste modo, a relação atômica começa a se efetuar no núcleo egocêntrico da coisa e, desde agora em diante, a “coisa inanimada” passa a possuir “luz”, “éter” e, agora, “átomo”.

## **2 SEGUNDO E ÚLTIMO MOMENTO: A EVOLUÇÃO “INTERNA” DA COISA INANIMADA**

A evolução dos átomos, em sua divisão, nada mais é do que de um lado - uma lógica negativa - e de outro - uma lógica positiva. Então, o que de fato tem o poder, desde agora em diante, de “tornar” o núcleo egocêntrico da coisa inanimada mais ativo e com uma certa lógica dinâmica imanente é o átomo que também, pela sua energia atômica, torna a coisa algo como que “em movimento” (Einstein, 2015). Portanto, é o índice do átomo na coisa que, através de sua “energia contrária ou contrariada”, na linha de divisão onde se divide a negatividade e a positividade, tal “contrário” passa a inicialmente “formar” um campo de energia no entorno ainda que abstrato da coisa inanimada, tornando-a, de início, algo mais determinado para o



“concreto”; que seria a coisa mais comum em todos os elementos das coisas inanimadas. Neste sentido e desta forma, podemos dizer que se inicia verdadeiramente o processo de desenvolvimento da determinação da coisa inanimada de um estágio de pura abstração para o de “pura concretude”. Durante o processo de atomização do núcleo egocêntrico da coisa, o átomo aparece pela primeira vez, assim, devido ao calor ardente invisível e também imaterial da natureza do espaço das coisas. Portanto, podemos dizer que, antes de ocorrer isto, as partículas atômicas e subatômicas estavam “dormindo” o sono profundo de sua pura abstração e ainda, a este tempo, “inatividade” e, portanto, “impotência”. Porque, logicamente e metafisicamente falando, é por necessidade vital que o calor do espaço desperte tais partículas atômicas presa e escondidas no núcleo egocêntrico da coisa. Sendo assim, contudo, o átomo já havia nascido na partícula da coisa, pois, ele está impregnado, como a física explica, em todo o tipo de matéria. Mas, neste caso também, a coisa inanimada só começa também a se “movimentar” por dentro no momento mesmo particular do calor do espaço “calorificar”, ou seja, “fazer arder” o interior das partículas subatômicas porque, como sabemos, é do seu “interior ainda latente” que o átomo passa a se “despertar” de seu sono profundo. A ênfase aqui é para o núcleo egocêntrico da coisa inanimada que por “arder” dentro mesmo imaterialmente faz “despertar” a atomicidade do corpo abstrato do núcleo da coisa e aí, pelo calor do espaço, a coisa em si passa, desde agora, a iniciar também a existir de modo exclusivamente material, ou seja, pertencente à natureza das coisas do mundo.

Porém, a coisa inanimada não é nada ainda totalmente “material”, apenas um pouco mais menos abstrata e mais concreta, como dizemos. Assim, por outro lado, na lógica puramente contraditória e por natureza desigual do relacionamento com os átomos, a coisa inanimada passa a, finalmente, se dinamizar. Sim, o núcleo egocêntrico composto de “luz” e “éter” agora e desde sempre nunca foi “pura vacuidade” porque simplesmente é feito destes dois elementos primordiais do meio terrestre. Então, o ínfimo e delicado contato inicial do átomo com a luz e o éter do “núcleo” faz a relação da coisa junto ao calor do espaço se dinamizar e, assim, a coisa passa a formar tanto dentro de si como fora, em seu começo, um “movimento” que não é mais puramente “estável” ou mesmo com conteúdo totalmente “opaco”, mas tanto a sua forma como o seu conteúdo, da coisa em si, modifica dentro para modificar fora e, assim, inicia também a determinação da coisa inanimada como um tipo de objeto ou uma objetualidade muito mais composta com os elementos da natureza das coisas. A objetividade da coisa que inicialmente era uma “pura determinação” passa, desde agora, a “dissolver” a determinidade dela própria e adquirir também inicialmente a objetividade de uma singular “subjetividade”, pois, a coisa, agora, existe de modo muito mais real na existência das coisas.

Para que um objeto por natureza “inanimado” passe a contornar e ser contornado por toda a existência material e materializante das coisas e de seus fenômenos, torna-se necessário este processo in abstrato de composição e decomposição de suas próprias “partículas”, bem como de seu próprio “núcleo”



gerador de relações internas e externas à coisa. Como viu-se, no começo, bem lá no começo, a coisa inanimada, muito antes de ser “feita” ou “usada” para alguma coisa, ela precisa, no entanto, primeiro, “existir”. E é deste processo como uma processualidade lógica que estamos tentando demonstrar. Sendo assim, a coisa inanimada, no começo, é “imaterial” para se tornar “material” porque ela, a coisa, só tem presente em si o seu núcleo egocêntrico como vimos, Disto, resulta dizer que também este “núcleo egocêntrico da coisa inanimada” é, por essência, “indestrutível”, pois, mesmo que a coisa se fragmente em menores “pedaços”, a coisa continua a existir mesmo assim, porque o seu “núcleo originário” sempre estará presente na eternidade pura do momento da coisa. O núcleo, então, com o despertar do átomo, abre-se como uma flor, lançando os seus germes objectuais, que são os seus próprios reflexos do núcleo que, na ligação imanente com o átomo, são projetados “estes reflexos objectuais da coisa” para fora, pois, na lei da composição, o átomo contribui junto ao calor do espaço para que a objetualidade da coisa seja finalmente “concretizada”, formando assim, a efetividade da coisa presente no espaço das coisas. Assim, o “contrato” do átomo com a coisa é eterno e, portanto, indissociável. Porque todo o corpo, seja material ou imaterial, compõe-se também de átomos. Ou seja, todos os corpos extensos da natureza são também átomos que estão evoluindo tanto acima como abaixo da coisa. Isto é, em todos os tipos de camadas objectuais, físicas ou abstratas. Assim, mesmo inicialmente, podemos falar aqui de uma “sensação” por parte da coisa inanimada diante dos seus próprios estados desde agora um pouco mais “concretificados”. A coisa em si, puramente em si, onde somente coexistia ela e o seu núcleo, agora é uma res extensa, ou seja, algo determinado também externamente porque, como vimos tanto a luz como o éter ligam-se, pela energia do átomo, mais tanto à porção de negatividade quanto à porção de positividade da coisa. Assim, dentro desta relação, o “abstrato” que seria “a pura abstração da coisa” torna-se, pela ligação de seus pontos objectuais à luz, ao éter e ao átomo, algo como que agora determinado concretamente. Deste modo, a evolução interna da coisa inanimada passa a também “coexistir” no limite de um índice de “superficialidade”. Pois, agora, a coisa, diante de seu núcleo extremamente puro e abstrato, torna-se, com a luz, o éter e o átomo, algo dado também em uma superfície.

Com estes três elementos vitais também (luz, éter e átomo), sai-se de uma pura abstração da coisa para uma consequente e imanente “abstração reflexionante”, pois, agora, diante de uma dada superfície, a coisa inanimada passa a “refletir” e, portanto, a “participar” da lógica cousal das superfícies materiais. Então, desde agora em diante, o espaço de tanto se “entreabrir”, nesta abertura imanente, se torna numa “superficialidade de superfície” a fim de “alojar” e “conservar” o objeto inanimado nesta “dada superfície”. Neste momento em particular, não é o “espaço”, mas a “espacialidade” e não é a “superfície”, mas a “superficialidade”. Isto é, a coisa, mesmo agora ardentes todas as suas partículas objectuais não se contém no “espaço propriamente dito” e, por outro lado, dada a concretificação do objeto inanimado pelo calor do espaço, o que aparece à coisa, neste sentido, não é uma dada superfície concreta, mas uma ínfima



superficialidade da “superfície” a fim de conservar a coisa na imediatidade da imediatez da superficialidade do espaço. Portanto, aqui, agora, não se fala mais de uma “pura imediatez”, mas de uma “ínfima imediatez” ou uma “suave imediatez” simplesmente porque a noção de espaço da coisa inanimada se tornou bem mais “imediatez”. Então, a “força abstrativa” contida no interior da coisa acaba-se se dissolvendo e complementando a espacialidade da superficialidade do espaço dado este, agora, não mais como “força puramente abstrata”, mas uma “força muito mais corporificada” dada a relação entre imediatidade - a da coisa por um lado - e - a do espaço por outro. Neste sentido, agora podemos formular a seguinte questão - “como a coisa inanimada passa a tornar algo verdadeiramente ‘material’”? É sobre este ponto que trataremos agora.

Com a presença da “luz”, do “éter” e do “átomo”(Huygens, 1986; Einstein, 2015), bem como, por outro lado, com a presença do “calor do espaço”, a coisa inanimada passa a ser determinada por este tipo de relações. Então, na conseqüente determinação da coisa, por este caminho, expande-se a determinação da coisa tornando-se bem mais abrangente de modo que, desde agora em diante, a coisa começa, numa dada superficialidade de superfície, se “sintonizar” harmonicamente com os outros determinados objetos inanimados. A relação, neste sentido, é conjunta e passa a ser também transcendental, dada a energia dos três momentos fundamentais - a luz, o éter e o átomo. Na relação com os demais objetos, o espaço, desde agora em diante, se “afrouxa” e passa a determinar também e a estar ele mesmo determinado pelo relacionamento com todas as coisas extensas de seu meio, dentre elas, aquelas que a luz, o éter e o átomo acabou também de “formar”. O objeto inanimado, tendo agora força de forma e força de conteúdo pelo relacionamento destes três elementos vitais, passa da “forma” que no começo era apenas um “indício de corporalidade” a se tornar um “corpo material” e, por outro lado, do “conteúdo” que no começo era apenas “pura abstração” passa a se tornar um “conteúdo sensorial”. Pois, agora, o conteúdo da coisa inanimada é “pura sensação”.

Ou seja, é permitido falar de uma “transição” na parte interna da coisa inanimada, atravessando, pois, a abstração pura de sua origem causal e perpassando agora diante de uma sensação pura. Sim, a coisa inanimada começa, desde já, a conter um ínfimo grau de “sensibilidade”, pois, é a partir de agora também que, diante de seu “organismo sensorial”, a coisa inanimada passa a “sofrer” os atos modificadores de todos os fenômenos vitais da natureza. Ou seja, a coisa inanimada passa, desde agora em diante, a estar em relação com os quatro elementos vitais do meio terrestre (o fogo, o ar, a água e a terra). Estando, agora, portanto, também, no limite de toda superfície terrestre e recebendo energia vital como impulso de todos os tipos de forças deste nosso meio terrestre. Então, a superficialidade do espaço passa a “abracar” a superficialidade da coisa inanimada pela “luz” que clareia o meio de relação; o “éter” que “corporifica” “estas relações abstratas no começo” e o “átomo” que passa a “fluir” em torno da coisa, passando, assim, a estabelecer uma relação inicial com a natureza do espaço. Assim, a “existência propriamente dita” da coisa passa a se tornar



bem paulatinamente uma “realidade quase que já física” onde os quatros elementos primordiais da natureza passam a também estar contidos na “coisa”. A coisa, desde agora em diante, passa a estar também contida no liame indiviso de “relações espaço-temporais” quando a temporalidade e não o tempo mesmo ainda não existia bem lá no início da completa e absoluta vacuidade. Ou seja, quando somente existia um puro nada e não a coisa em si. Depois, deste momento em diante, quando o núcleo egocêntrico da coisa passa a ser “preenchido” de “luz” e “éter”, só então, a “pura vacuidade” ou o “vazio absoluto” (Hegel, 2016) desaparecem, começando a “tornar” a “coisa”, por um lado, imanente, mas não ainda “imediate”. Só quando o calor do espaço passa a penetrar a superficialidade da coisa inorgânica, aí sim, há, então, neste momento determinado, o aparecimento da pura imediatidade da coisa para, só depois, com a efetividade do calor do espaço na coisa, a “pura imediatez” da coisa inanimada poderá se “dissolver” no “imediato da coisa”. Até aqui, podemos dizer o seguinte: na constituição ainda que provisória da coisa, já poderíamos dizer que se inicia, ainda em seu puro começo, uma ínfima e pequena consideração acerca fundamentalmente falando da “coisalidade da coisa”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Esboço que aqui se propõe é mais uma parca consideração do grande e complexo “campo” que se entreabre em torno de um projeto maior - a saber - “A coisalidade da coisa”. Neste ínterim, aquilo que aqui está sendo tratado é apenas um Esboço deste projeto maior, em contrapartida, tal apresentação que esta aqui se propõe inicia este “projeto” que, com certeza, irá recuperar os estímulos e os impulsos fundamentados neste estudo aqui concretizado.

O estudo aqui proposto constituiu apenas uma simplória apresentação de como a ideia de constituição da efetividade do corpo material da coisa inanimada se constitui propriamente e, se possível, dentro de uma “lógica pura transcendental”.

Com este sentido, este *Esboço de uma lógica pura do objeto inanimado* constitui como parte fundamental de uma obra maior que, como se disse, se chamará *A coisalidade da coisa*. Ressaltamos, então, a oportunidade de fazer uma apresentação de um Esboço que, em sua realidade imediata, nada mais aparece a não ser como um “ensaio” sobre o tema em questão.

O objeto, então, possui três momentos particulares essenciais como o “inanimado” ou “pura abstração”, o “animado” ou “puro conteúdo” e, por fim, o “transcendental” ou “pura transcendência”, respectivamente. Em suma, em uma oportunidade ou em um momento breve, estará contido o “desenho” ou o “esboço” deste estudo numa apresentação mais ampla, ou seja, “abrangente” e bem mais aprofundada.



## REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BLAVATSKY, H. **A doutrina secreta: cosmogênese**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- EINSTEIN, A. **Sobre a teoria da relatividade**. São Paulo: L&PM, 2015.
- HEGEL, G. **Ciência da lógica I: a doutrina do ser**. Petrópolis, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Ciência da lógica II: a doutrina da essência**. Petrópolis, 2017.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Que é uma coisa?**. Portugal: Edições 70, 2018.
- HUYGENS, C. Tratado sobre a luz. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**. Suplemento 4, 1986.
- HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, J-P. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 2015.